

CATÓLICOS E ANTICOMUNISTAS: D. GERALDO DE PROENÇA
SIGAUD E A LITERATURA ANTICOMUNISTA NO BRASIL

*Catholics and Anti-communists: D. Geraldo de Proença Sigaud
and the Anti-communist Literature in Brazil*

Rodrigo COPPE CALDEIRA*

Fecha de recepción: julio del 2014

Fecha de aceptación y versión final: julio del 2015

RESUMO: Ao realizar pesquisa nos arquivos pessoais do arcebispo de Diamantina, Minas Gerais, D. Geraldo de Proença Sigaud (1909-1999), observou-se que o então bispo de Diamantina (Minas Gerais) possuía importantes contatos com grupos anticomunistas norte-americanos e que recebia deles certo apoio ideológico. Foram encontrados inúmeras obras de cunho anticomunista e também correspondências entre o bispo e esses grupos no período da década de 1960. Esse artigo tem como objetivo principal apontar alguns desses contatos e trazer à luz alguns documentos que circularam no Concílio Vaticano II (1962-1965) a fim de conseguirem uma condenação explícita do comunismo por parte do concílio.

PALAVRAS-CHAVE: anticomunismo; Concílio Vaticano II; Geraldo de Proença Sigaud.

ABSTRACT: Research conducted in the personal files and archives belonging to the Archbishop of Diamantina, Minas Gerais, Geraldo Proença Sigaud, showed that the Bishop of Diamantina (Minas Gerais) held important contacts with North American anticommunist groups receiving from them certain ideological support. In the Bishop's files, the researcher found a great number of anticommunist works as well as correspondence between the Bishop and the anticommunist groups during the decade of 1960. The main purpose of this article is to point out some of these contacts and to shed light onto some of the documents that circulated during the Second Vatican Council (1962-1965) in order to get an explicit conviction of communism from the Council.

KEYWORDS: anticommunism; II Vatican Council; Geraldo Proença Sigaud.

* Rodrigo COPPE CALDEIRA – Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Professor do Departamento de Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/Brasil. E-mail: rodrigocoppe@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Os estudos em torno do tema do anticomunismo¹ e suas inúmeras facetas, particularmente aqueles que se desenvolveram nos países da América Latina, tem avançado em quantidade e qualidade. Congressos internacionais têm-se realizados em torno de temáticas que também o congrega, inúmeros projetos de pesquisas que o tratam direta ou indiretamente se desenvolvem, desde a iniciação científica até o pós-doutorado. No Brasil, esse filão em franco desenvolvimento conseguiu de fato lançar suas bases especialmente nas década de 1990 e particularmente 2000. Observamos que até o período, estudos que tinham a Igreja católica latina e seus movimentos como objeto, eram assinalados por predomínio de temas, e mesmo abordagens, que advinham da orbe da “esquerda” e de certo progressismo. É notório a quantidade de trabalhos que tiveram como objeto as chamadas teologias da libertação, as Comunidades Eclesiais de Base ou os movimentos políticos de esquerda dos últimos cinquenta anos que se constituíram com presença de militantes católicos. Em muito menor número, porém, foram os trabalhos mais verticalizados que desejaram aprofundar aspectos de um conservadorismo² religioso e político latino-americano no século XX, e mesmo do liberalismo³.

¹ Compreende-se o anticomunismo como um movimento amplo, o qual pertenceriam sujeitos e grupos que lutam contra o comunismo. Como afirma Motta (*Em guarda contra o perigo vermelho*, Perspectiva, São Paulo 2002), a base de sua atuação estaria centrada, portanto, numa atitude de recusa militante contra o projeto comunista. Ressalta-se comunismo entendido como a síntese marxista-leninista originadora do bolchevismo e do modelo soviético.

² O conceito de conservadorismo aqui utilizado é baseado na perspectiva desenvolvida por Karl Mannheim. M.M. Foracchi, *Mannheim*, Ática, São Paulo 1982. Veja também: A. Quinton “Conservatism”, em: E. Goodin, P. Pettit, T. Pogge, *A Companion to Contemporary Political Philosophy*, Blackwell Publishing, Malden 2007, pp. 285-311.

³ Caracteriza-se aqui o liberalismo pelos seguintes pontos: “the individual is the source of his own moral values; the process of trade and exchange between individuals has both efficiency and freedom-enhancing properties; the market is a spontaneous order for the allocation of resources; exchange between nations will not only maximize wealth through the international division of labour, but also tends to reduce war and political tension; and public policy should be limited to the few common concerns of individuals (...) government is limited by constitutional rules then the form that it takes is of secondary importance” (N. Barry, “Liberalism”, em: N. Ashford; S. Davies, *A Dictionary of Conservative and Libertarian Thought*, Routledge, New York, p. 160).

Como o tratamento do assunto é relativamente novo no campo historiográfico, o caminho em torno dos conceitos e suas aplicabilidades nesse espaço geográfico também precisam de um esforço teórico recorrente. Um deles, bastante presente ainda hoje, é aquele que parece levar a pensar o movimento anticomunista simplesmente como um grupo de esquizofrênicos e paranoicos, que descolados da realidade veem comunistas por todos os lados. Certamente, tais movimentos trouxeram sua carga de paranoia à tona em momentos de paroxismo e esgarçamento social. Todavia, deixar de pensar que existe uma honestidade pessoal que faz com que esse ou aquele sujeito participe desse ou daquele movimento, e o que os seus discursos possam trazer alguns aspectos da realidade circundante, é deslegitimá-los já de saída. É diminuir a sua capacidade de trazer elementos para se compreender a conjuntura na qual atuam. Nem todo anticomunista é um cão, como queria Jean-Paul Sartre, nem também um santo, somaríamos. Nem todo comunista é um santo, nem também um cão, diríamos.

Ao tratar as relações do anticomunismo e a Igreja Católica na América Latina, especialmente no Brasil, lembramos imediatamente da atuação do leigo Plínio Corrêa de Oliveira e do grupo fundado por ele – a *Tradição, Família e Propriedade* – e também dos dois bispos que tiveram relações muito próximas com ele: Antônio de Castro Mayer e Geraldo de Proença Sigaud. O último, por exemplo, um dos bispos anticomunistas mais combativos que a história da Igreja brasileira conheceu, com significativa participação no Concílio Vaticano II (1962-1965) – evento que reuniu milhares de bispos de todo o mundo para deliberarem sobre como a Igreja deveria se fazer presente no mundo contemporâneo – na organização da minoria conciliar, ao lado de Castro Mayer e Marcel Lefebvre, e também como importante atuação na região de Diamantina (Minas Gerais) na fase pós-conciliar, não foi ainda objeto de estudo mais verticalizado.

Partindo dessas considerações iniciais, o texto apresentado tem como objetivo tratar da atuação de Geraldo de Proença Sigaud como um dos maiores representantes do anticomunismo brasileiro, situando-o nos debates do Concílio Vaticano II.

D. GERALDO DE PROENÇA SIGAUD: BISPO E ANTICOMUNISTA

D. Geraldo de Proença Sigaud, bispo de Jacarezinho no Paraná, quando da convocação do concílio por João XXIII em 1959, e arcebispo de Diamantina em 1965 quando encerrado, foi um dos principais padres brasileiros que vivenciaram essas “lutas” desde o início de seu apostolado e que, pode-se dizer, escolheu desde seus primeiros momentos de formação pelo caminho de oposição intransigente ao mundo moderno e seus valores, o que foi possível compreender a partir de sua atuação no Vaticano II.

Sigaud nasceu em Belo Horizonte (MG) em 26 de setembro de 1909. Filho de Paulo da Nóbrega Sigaud e Maria de Proença Sigaud, completou o ciclo básico em 1926 e em 1928 o curso de Filosofia em Juiz de Fora. Entre 1928 e 1932 finalizou o curso de Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma. Em março de 1932 foi ordenado (Congregação do Verbo Divino). Destacou-se como professor em Santo Amaro (1933-1946), em São Paulo (1936-1946) e em Estella, Espanha (1946-1947). Em outubro de 1946 foi sagrado bispo para a diocese de Jacarezinho (1947-1961), em 1961 elevado ao arcebispado de Diamantina, Minas Gerais (1961-1981). Faleceu em Belo Horizonte em setembro de 1999.

Sua formação sacerdotal deu-se nem em um momento peculiar da história da Igreja brasileira. Vivia-se o período que se acostumou a denominar de neocristandade⁴, marcada pelo processo centralizador romano. É possível afirmar que esse modelo da Igreja se desenvolvia em reflexo às posições da Igreja europeia, marcada por centralização e reticência em relação ao mundo moderno e seus valores. O marco do nascimento desse modelo no Brasil pode ser fixado em 1916, quando D. Sebastião Leme, arcebispo de Olinda e Recife, publica uma Carta Pastoral que vai fornecer as linhas pelas quais os movimentos católicos deveriam pautar sua atuação da Igreja no espaço público brasileiro.

As relações entre a Igreja católica romana e o ideal comunista já estava delineado em suas primeiras expressões na segunda metade do século

⁴ R. Azzi, *A Neocristandade: um projeto restaurado*, Paulus, São Paulo 1994.

XX, quando o comunismo se espalhava pelo mundo a partir da Rússia, tendo reflexos também no Brasil. Todo um magistério pontifício foi desenvolvido em torno da temática, indo peremptoriamente de encontro a ele⁵. As divisões em torno do tema no Brasil, como tantos outros que se ligavam àqueles que advinham do projeto moderno, inicia-se no final da década de 1930, aprofundando-se nas seguintes, especialmente 1950 e 1960⁶.

Sigaud, que participava com outros padres e leigos do grupo que editava o jornal da Congregação Mariana de Santa Cecília em São Paulo – *O Legionário* – e era encabeçado por Plínio Corrêa de Oliveira, assumiu rapidamente um de seus cavalos de batalha, qual seja, o comunismo. O tema, uma constante no pensamento de Sigaud, vai receber a sua maior expressão em um de seus poucos escritos publicados em 1962: “Catecismo anticomunista”⁷. O bispo também escreveu uma Carta Pastoral tratando do tema⁸, mas que não teve tanto sucesso quanto o seu “Catecismo”. Nele, Sigaud deixa clara a sua concepção de comunismo na primeira pergunta que abre o opúsculo:

Que é o comunismo?

O comunismo é uma seita internacional, que segue a doutrina de Karl Marx, e trabalha para destruir a sociedade humana baseada na lei de Deus e no Evangelho, bem como para instaurar o reino de Satanás neste mundo, implantando um Estado ímpio e revolucionário, e organizando a vida dos homens de sorte que se esqueçam de Deus e da eternidade⁹.

Em outro trecho, Sigaud visa fazer a ponte entre o comunismo, como negação de Deus, e a Revolução. Segundo ele,

Revolução, com maiúscula, é a rejeição de Deus, de Cristo, da Igreja, e de tudo o que deles provém, e a organização da vida humana somente segundo a razão humana e as paixões humanas. Seu ideal é a Cidade do homem sem Deus, oposta à Cristandade e à ordem natural, que é a Cidade de Deus¹⁰.

⁵ Pode-se citar os seguintes documentos que tratam da questão: *Quod apostolici muneris* (1878), *Diuturnum* (1881), *Graves de communi re* (1901), *Quadragesimo anno* (1931), *Divini redemptoris* (1937).

⁶ Cf. S. Mainwaring, *Igreja Católica e política no Brasil*, Brasiliense, São Paulo 1989.

⁷ G.P. Sigaud, *Catecismo anticomunista*, Vera Cruz, São Paulo 1962.

⁸ G.P. Sigaud, *Carta Pastoral sobre a seita comunista*, Vera Cruz, São Paulo 1963.

⁹ G.P. Sigaud, *Catecismo anticomunista*, op. cit., p. 5.

¹⁰ *Ibidem*, p. 16.

Não obstante a compreensão que aparece em seu “catecismo”, é na resposta à chamada “consulta Tardini” – nome do secretário de Estado do Vaticano na época da convocação do evento conciliar –, que visava obter um parecer dos bispos de todo o mundo sobre os temas que deveriam ser tratados no Vaticano II, que Sigaud deixará entrever mais claramente sua posição anticomunista.

Numa das partes mais importantes de seu parecer ao Vaticano é possível compreender que Sigaud parte da ideia corrente no Brasil do período, aquele do inimigo interno. Para ele a infiltração revolucionária comunista era visível no episcopado brasileiro:

Estudando a vida da Igreja no Brasil, no mundo, observo nele um enfraquecimento grande interno, uma profunda penetração dos erros e do espírito do mundo. Ao lado disto vejo um silêncio impressionante dos Bispos, uma colaboração positiva de muitos membros do Clero no trabalho da Revolução. Vejo mesmo em muitas partes como a Hierarquia persegue os que falam e agem contra a Revolução. Em lugar de lutar abertamente contra a Revolução, muitos membros da Hierarquia impedem que os bons sacerdotes, leigos lutem. São promovidos ao episcopado Bispos revolucionários, e estes têm toda a liberdade de ação¹¹.

Em outro momento de sua resposta, chama atenção para aquele então que é considerado pelo bispo o maior inimigo da Igreja:

olhares do Concílio de toda a Igreja devem se dirigir vivamente para esta Seita, a Franco-Maçonaria. As encíclicas dos Papas sobre esta seita são atualíssimas (...) é necessário ensinar aos católicos que a Maçonaria é a grande inimiga da Igreja, sua inimiga de morte, e que ela é uma organização mundial poderosíssima, que dirige e fomenta a luta mundial e definitiva contra a Igreja¹².

Sigaud faz a ponte entre a maçonaria, os líderes do judaísmo e a revolução, no caso a comunista. Tal relação foi bastante comum no final do século XIX e primeira metade do século XX, além de ser muito explorada por diferentes grupos. Numa passagem da resposta o bispo afirma:

a Igreja não pode ignorar que a Sinagoga, os chefes do povo judeu conspiram contra ela. É um trabalho de séculos, metódico, contínuo, inteligente, conseqüente, e seu fim é a destruição da Igreja e a implantação de uma ordem naturalista. Esta ordem racionalista atinge todos os aspectos da vida humana, e se opõe em todos eles à or-

¹¹ FVATII/SP, Fundo Arquivístico Concílio Vaticano II da Biblioteca dos Redentoristas, 168.1/002, Cidade de São Paulo, São Paulo.

¹² *Ibidem*.

dem Revelada, à Igreja e à Sociedade Católica. Esta ordem naturalista, radical e universal é a Revolução¹³.

A atuação de Sigaud no concílio, sendo um dos bispos com maior atuação nos bastidores da assembleia ao buscar congregar aqueles com a mesma sensibilidade, foi marcante. Ao secretariar o grupo que ficará conhecido na terceira sessão como *Coetus Internationalis Patrum* (CIP), Sigaud encabeçará os esforços em busca de uma condenação do comunismo pelo concílio¹⁴.

GERALDO DE PROENÇA SIGAUD E O ANTICOMUNISMO NO CONCÍLIO

Pode-se dizer que o espírito que embalará o CIP em sua dinâmica já se manifestava desde o início do concílio. Seria possível afirmar que mesmo antes do início da assembleia o espírito que permeará o grupo contra o avanço dos bispos a favor do diálogo com a modernidade, já tinha raízes¹⁵.

O CIP nasceu em momento avançado do concílio, em 2 de outubro de 1964, no início da terceira sessão, a partir de um documento assinado por Sigaud, Santos (Manila), Siri (Gênova), Ruffini (Palermo), Browne (cúria) e Larraona (cúria). É apenas em novembro de 1964 que o grupo escolhe o nome definitivo de *Coetus Internationalis Patrum*¹⁶.

¹³ Ibidem, 168.1/022.

¹⁴ Sobre a composição do grupo cf Ph. Roy-Lysencourt, *Les membres du Coetus Internationalis Patrum au Concilie Vatican II. Inventaire des interventions et souscriptions des adhérents et sympathisants. Liste des signataires d'occasion et des théologiens*, Peeters, Leuven 2014.

¹⁵ Ph. Roy-Lysencourt, *Le Coetus Internationalis Patrum, un groupe d'opposants au sein du concile Vatican II*, thèse de doctorat en cotutelle, Faculté de théologie et de sciences religieuses de l'Université Laval, Département d'Histoire de la Faculté des Lettres et Civilisations de l'Université Jean Moulin Lyon 3, Lyon 2011.

¹⁶ B.T. de Mallerai, *Lefebvre: una vita*, Chieti, Tabula Fati 2005. Existe um debate sobre a data exata do nascimento do grupo. Segundo Gómez de Arteché (apud ALB III, p. 188), o *Coetus* teria nascido na segunda metade do primeiro período. Perrin defende a existência de um pequeno comitê já em 1962 e a fundação do *Coetus* em 2 de outubro de 1964 (Perrin, 1997, p. 175). De acordo com anotações pessoais de D. Prou, abade do Mosteiro de Solesmes e que tinha ativa participação no grupo, a data de seu nascimento foi 2 de outubro de 1963. Beozzo (2005), utilizando as fontes estudadas por Mattei (*O cruzado do século XX: Plínio Corrêa de Oliveira, Civilização*, Porto 1997), defende que o grupo formou-se oficialmente em 22 de outubro de 1963.

Até aquele momento havia funcionado um “piccolo comitato” (“pequeno comitê”) no qual padres conciliares de tendências conservadoras congregavam-se organizando conferências abertas com o intuito de contrabalançar as ideias dos bispos teoricamente avançados. Todavia, na ocasião não tinha encontrado nenhum cardeal disposto a dar-lhe o apoio necessário. Logo que o arcebispo de Manila, cardeal Rufino Jiao Santos, aceitou ser o porta-voz do grupo no Sacro Colégio, Sigaud comprou uma impressora rotativa *offset* e imprimiu um primeiro boletim dizendo que o *Coetus* organizaria todas as terças-feiras à tarde conferências abertas aos padres conciliares¹⁷, tentativa de contrabalançar as inúmeras palestras organizadas por outro grupo conciliar, o chamado “grupo dos 22”, que conseguia congregiar muitos bispos. Assim, o arcebispo de Diamantina demonstrava papel central na organização do grupo minoritário mais combativo no interior do concílio.

A composição do *Coetus* era heterogênea. Sigaud distinguia entre simpatizantes (espectadores das conferências) e aderentes, mesmo sem existir uma lista precisa com o nome de seus membros. O único documento, a petição em defesa da condenação do comunismo de 1965, fornece indicações imperfeitas, já que nesse tema o *Coetus* conseguiria um consenso muito superior daqueles reivindicados em assuntos como colegialidade ou liberdade religiosa. Parece que o grupo era composto principalmente por prelados italianos, espanhóis, brasileiros, portugueses e moçambicanos, uma parte de hispânicos sulamericanos, alguns bispos missionários da África, religiosos e uma pequena parte oriental (patriarcas Tappouni e Batain e o cardeal Sidarouss)¹⁸.

O *Coetus* não possuía uma organicidade de ação, visto que os padres que se ligavam a ele, quer aderentes, quer simpatizantes, tinham a liberdade de intervenção. Além do mais, as reuniões das terças-feiras difundiam o espírito do grupo, mas não tinham como objetivo organizar os próximos passos de atuação, que era reservada somente ao núcleo duro do grupo. Este núcleo diretor era constituído pelos três fundadores, Geraldo de Proença Sigaud,

¹⁷ R. Wiltgen, *Reno se lança no Tibre: o concílio desconhecido*, Permanência, Niterói 2007.

¹⁸ L. Perrin, “Il «Coetus Internationalis Patrum» e la minoranza conciliare”, em: M.T. Fattori, A. Melloni (a cura di), *L'evento e le decisioni: studi sulle dinamiche del Concilio Vaticano II*, Il Mulino, Bologna 1997.

Antonio de Castro Mayer e Marcel Lefebvre, a quem se une Luigi Maria Carli e Jean Prou. Em volta deles gravitavam cerca de 250 prelados¹⁹.

A atuação do *Coetus* se dava mais na perspectiva do processo, ou seja, a cúpula do grupo fixava sua atenção e ação nos aspectos jurídicos das questões em discussão. Lançavam frequentes recursos ao regulamento buscando assim bloquear ou retardar o avanço das ideias liberalizantes.

Papel importante no grupo foi desempenhado por aqueles que tinham relações pessoais com alguns dos prelados. Entre eles foram os mais relevantes os amigos de Carli, aqueles que se congregavam em torno da revista *Verbe e La Pensée catholique*²⁰ e, com papel significativo, os amigos de Sigaud, em sua maioria integrantes da Associação para a Defesa da Tradição, Família e Propriedade, a TFP²¹, associação católica conservadora brasileira, que atuava no Brasil e em outros países com campanhas públicas de ampla extensão²². Todos de sensibilidade fortemente anti-comunista.

A TFP acompanhava os dois bispos de perto, como diz Eduardo, um possível membro do grupo em uma carta enviada a Sigaud em novembro de 1963, e toda notícia recebida de suas intervenções era vista com júbilo pelos seus integrantes. Isso demonstra fiel acolhida e harmonia entre o grupo de Plínio e Sigaud e Mayer. O chefe da TFP entendia que possuía uma importante missão no evento mais importante da Igreja do século XX. Compreende-o como momento difícil e que requereria sua ajuda²³. Segundo Mattei²⁴,

¹⁹ Ph. Roy-Lysencourt, *Les membres du Coetus...*, op. cit.

²⁰ A maior parte dos membros ativos do *Coetus*, de acordo com Perrin (1997), eram ligados a revista *La Pensée Catholique*, constituída em 1951. No arquivo de Sigaud em Diamantina encontra-se fração de um rascunho de uma carta em francês datada em 16 de maio de 1951 e que tem como destinatário Marcel Lefebvre. Possivelmente foi escrita por Sigaud a Lefebvre, que chama de “mon cher ami”. Nela o autor trata da revista e suas dificuldades iniciais de implementação (FSIGAUDiamantina, Fundo Arquivístico Dom Geraldo de Proença Sigaud, Cidade de Diamantina, Minas Gerais).

²¹ G. Zanotto, *Tradição. Família e Propriedade (TFP): as idiossincrasias de um movimento católico no Brasil (1960-1995)*, Méritos, Passo Fundo 2012.

²² B.T. Mallerias, *Lefebvre: una vita*, Tabula Fati, Chieti 2005.

²³ “Esta viagem – escrevia à mãe – é fruto de longas reflexões. (...) Eu não poderia jamais, sob consideração nenhuma, renunciar a prestar à Igreja, à qual dediquei a minha vida, este serviço numa hora história tão triste como aquela da morte de Nosso Senhor (...) Jamais o cerco dos inimigos externos da Igreja foi tão forte, e jamais também foi tão geral, tão articulada, tão audaciosa a acção dos seus inimigos internos” (R. Mattei, op. cit., p. 278).

²⁴ R. Mattei, op. cit.

Plínio havia instalado durante a primeira sessão do concílio um secretariado da TFP em Roma a fim de acompanhar mais de perto as discussões conciliares e fornecer ajuda aos dois bispos mais próximos do grupo, Sigaud e Mayer.

O *Coetus* mantinha relações também com outros grupos minoritários, que expressavam pareceres semelhantes aos seus. O chamado *Romana Colloquia* (ROC) ou *Encontros Romanos*, um dos grupos de oposição aos padres mais liberalizantes foi um deles. Nos arquivos de Sigaud em Diamantina, que se encontram na Cúria Arquidiocesana da cidade, encontra-se um *folder* no qual se convida para uma série de conferências sobre a eminente discussão do polêmico esquema XIII (*A Igreja e o mundo moderno*). Em vista dos debates, o ROC organiza, na rua do Santo Ofício, na casa dos agostinianos, conferências pronunciadas por religiosos e leigos de várias nacionalidades. As que mais chamam a atenção são as de Pierre Virion (*Les forces occultes dans le Monde Moderne*), P. Philippe de la Trinite (*Le Teilhardisme*), Henri Rambaud (*La "conversion" du Père Teilhard de Chardin*).

Acredita-se que as perguntas mais interessantes sobre o *Coetus* são sobre as possíveis influências que o grupo e a minoria conciliar tiveram sobre Paulo VI e suas intervenções na assembleia. Como se sabe, Montini tinha como meta aprovar os documentos conciliares com o máximo de consenso. Dessa forma, 1964 é o ano paradigmático, pois é no final da terceira sessão que Paulo VI fará suas quatro importantes e controversas intervenções²⁵.

Aquela importante para o tema tratado nesse artigo é a que se refere à última sessão, momento importante da atuação de Sigaud e o *Coetus*. Os debates iniciaram-se tendo como tema a breve discussão do capítulo sete do esquema *De Ecclesia*, intitulado “Índole Escatológica de nossa vocação como a Igreja celeste”²⁶. Posteriormente passaram a deliberar sobre o oitavo e último capítulo, preocupante para o grupo, intitulado “Maria no Mistério de Cristo e da Igreja”. Nas discussões delinear-se dois pontos de vistas:

²⁵ Cf. em: R. Caldeira Coppe, *Os baluartes da tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II*, CRV, Curitiba 2011.

²⁶ F.B Kloppenburg, *Concílio Vaticano II: terceira sessão (set-dez. 1964)*, vol. IV, Vozes, Petrópolis 1963.

aqueles que defendiam o não aparecimento no texto de expressões como “Mãe da Igreja” e “Medianeira”, ligados principalmente aos renanos, e aqueles que defendiam a sua inserção, ligados à Comissão Teológica e aos conservadores do *Coetus*.

É necessário lembrar que a questão mariana estava intimamente relacionada com o cavalo de batalha de Sigaud e o *Coetus*, o comunismo, devido, especialmente a mensagem de Nossa Senhora de Fátima de 1917, que em um de seus momentos noticiava que a Rússia espalharia “seus erros pelo mundo”. Em julho de 1963 Sigaud distribuiu uma carta entre os bispos convocando-os à adesão do projeto de sua autoria, que solicitaria ao papa Paulo VI que consagrasse o mundo, especialmente a Rússia, ao coração imaculado de Maria. A petição conseguiu recolher 454 assinaturas. Estavam representados 26 países da África e 23 da América Latina, no todo padres de 86 países haviam assinado o documento. Em carta de setembro de 1964, Sigaud e Mayer afirmavam que o documento tinha sido recebido por Paulo VI e que “o Beatíssimo Padre recebeu benignamente estas petições e prometeu que com ânimo benevolente seriam tratadas sob a luz do Espírito Santo”²⁷. Na mesma carta, deixavam mais uma vez transparecer a relação entre comunismo e a questão mariana:

Com certeza a Beatíssima Virgem, Mãe da Igreja, maternalmente receberá essa Consagração que, assim esperamos, será de algum modo o coroamento do próprio Concílio Ecumênico Vaticano II, e a aurora da verdadeira paz e da liberdade da Igreja, e trazendo aos nossos padres a preservação do tirânico comunismo, e às nações que gemem sob o jugo dos comunistas, a libertação²⁸.

Em 14 de setembro de 1965, dia da abertura da quarta sessão, os padres tinham em mãos o esquema sobre a Igreja no mundo moderno²⁹. Nele encontrava-se uma seção sobre o ateísmo. Contudo, não havia uma referência explícita ao comunismo. Tal fato levou 25 bispos a distribuírem uma carta, datada de 29 de setembro de 1965, enumerando as razões pelas quais

²⁷ FSIGAUD/SP, s/n, Fundo Arquivístico Dom Geraldo de Proença Sigaud da Biblioteca dos Redentoristas, Cidade de São Paulo, São Paulo.

²⁸ Ibidem.

²⁹ G. Turbanti, *Un concilio per il mondo moderno*. La redazione della costituzione pastorale “Gaudium et spes” del Vaticano II, Il Mulino, Bologna 2000.

o comunismo deveria ser abordado pelos padres conciliares. Junto a ela estava anexada uma petição com 450 assinaturas³⁰.

Devido a questões internas da dinâmica do concílio – que geraram muitas polêmicas e ainda não foram esclarecidas pelos historiadores – a petição, que foi entregue de acordo com as normas da assembleia, foi ignorada, o que levou os padres a não tratarem do assunto na última sessão e não constar no texto final da constituição uma referência direta da posição da Igreja sobre o comunismo, o que causou novas reações por parte do *Coetus*. Porém, a batalha não foi perdida de todo. Após um inquérito do cardeal Eugenio

³⁰ Eis o conteúdo do texto: “À Secretaria Geral do Concílio Vaticano II. Os abaixo assinados Padres Conciliares pedem reverentemente que, após o § do Esquema — “A Igreja no mundo de hoje”, que trata do ateísmo, se acrescente um novo que trate ex professo do problema do Comunismo. A.1) No período preparatório do Concílio, quase 600 Padres o pediram, assim como também posteriormente durante as Sessões III e IV. O n. 19 é insuficiente, porque o ateísmo é um dos erros fundamentais do Comunismo, mesmo do “Comunismo não ateu” e deveria ser rechaçado por causa de sua negação de outras verdades fundamentais da Ordem natural (por ex. espiritualidade e imortalidade da alma, dignidade da pessoa humana, direito de propriedade, totalitarismo estatal etc.). 2) Os concílios têm que desmascarar os erros tal como na realidade vigoram em sua época, e não cabe dúvida de que a forma mais perniciosa, virulenta e militante do ateísmo de hoje é o Comunismo. Ter-se-ia, pois de tratar explicitamente dele neste Concílio, como o fez a Enc. “Divini Redemptoris” de Pio XI. Se isto não fosse feito, correr-se-ia o risco de crer que a Igreja retrocede e se desdiz por falsos temores, do que em condenação do Comunismo já foi dito em solenes documentos. 3) O Concílio Vaticano II tem um caráter eminentemente pastoral. Pois, talvez não haja hoje problema pastoral mais urgente que livrar os fiéis do contágio do ateísmo através do Comunismo, ao qual alguns crêem que podem dar seu nome sem prejuízo de suas crenças religiosas. O Comunismo espera o silêncio da Igreja e conta com ele nesta oportunidade, como um elemento valiosíssimo para seu ulterior proselitismo e esforços de dominação universal. 4) O Concílio não pode frustrar as esperanças dos fiéis que esperam que não se silencie este perigo formidável do mundo, como também que não silencie outros gravíssimos problemas que os angustiam (a fome, a guerra...) 5) Milhares e milhares de católicos, ortodoxos, protestantes, judeus etc. que sofreram e sofrem ainda horrenda perseguição da parte do Comunismo, esperam deste Concílio que tanto se caracteriza por seus sentimentos ecumênicos, umas palavras de consolo e de solidariedade. B. 1) Não se diga que é inútil tratar do Comunismo no Concílio, uma vez que já o fizeram os últimos Romanos Pontífices. Ninguém poderá duvidar que seria uma enorme força se o Concílio abordasse o problema em concordância com os ensinamentos dos Papas, como sucede com outros problemas. 2) outros temem que isto seria calamitoso para os cristãos que gemem sob o Comunismo, porém será difícil que tais cristãos tenham de sofrer por isso mais do que sofrem já atrás das grades de ferro. Além disso: a) requerem-no precisamente os Padres que fizeram uma experiência da perseguição; b) da Igreja se espera a verdade. C) não se pode deixar nada sem impressionar a consciência mundial, freando assim o ímpeto do Comu-

Tisserant, decano do conselho da presidência do concílio, concluiu-se que uma grave violação dos procedimentos da assembleia tinha ocorrido. O papa Paulo VI, refletindo sobre a situação e a preocupação dos 450 padres que tinham assinado a petição, ordenou que fosse incluída uma nota de rodapé contendo referências ao ensinamento do Magistério, apontando então para às encíclicas que continham ensinamentos sobre a questão: dos papas Pio XI (*Divini Redemptoris*), Pio XII (*Apostolorum Principis*), João XXIII (*Mater et Magistra*) e Paulo VI (*Ecclesiam Suam*). Sigaud teria comentado: “Ter o chapéu no bolso não é o mesmo de que tê-lo na cabeça”³¹.

Sabe-se que as batalhas pelas mentes dos bispos foi corrente durante todo o concílio. Dizia-se da falta de preparado da maioria dos bispos, pouco familiarizados com as questões teológicas, principalmente aquelas que se desenvolveram na primeira metade do século XX e formaram o caudal que viria a constituir a chamada *nouvelle théologie*³². Assim sendo, os grupos no interior do concílio, ligados por sensibilidades específicas, propuseram encontros e debates a fim de desenvolverem uma “reciclagem teológica” dos participantes da assembleia. Certamente esse era um dos lugares privilegiados de desenvolvimento de perspectivas teóricas que embalariam as votações por vir. Um trabalho de formação e influência de opinião ocorreu³³. Livros, tratados, panfletos, e todos tipo de material foram entregues aos padres conciliares com o intuito de fornecerem alguma base intelectual que sustentasse seus votos. Na perspectiva do *Coetus*, a partir de uma pesquisa nos arquivos de Geraldo de Proença Sigaud em Diamantina, Minas Gerais, observou-se uma quantidade razoável de material anticomunista em circulação.

Uma das obras que chama atenção é um livro de teor anti-judaico intitulado *Complô contra a Igreja* e assinado por Maurice Pinay, pseudônimo

nismo. Os Padres abaixo assinados propõem à Secretaria Geral um modelo de texto que poderia ser incluído. Roma, 29 de setembro de 1965. *Assinaturas:.....*”.

³¹ R. Wiltgen, op. cit., p. 280.

³² Cf. J. Mettepenningen, “Nouvelle théologie: four historical stages of theological reform towards *ressourcement* (1935-1965)”, em: G. Flynn, P.D. Murray (eds.), *Ressourcement. A Movement for Renewal in Twentieth-Century Catholic Theology*, Oxford University Press, New York 2012.

³³ Uma pesquisa que trabalhasse nessa perspectiva seria bastante interessante para se compreender com mais detalhes a história do concílio Vaticano II.

do grupo de bispos e cardeais que teriam escrito a obra. A ligação, já muito explorada desde o final do século XIX e primeira metade do século XX entre judaísmo e comunismo, aparece de maneira aprofundada no texto, que faz uma remontagem cronológica desde as primeiras seitas heréticas, tidas como fruto da ação dos judeus para destruir o cristianismo, até o comunismo propriamente, compreendido como a última etapa da luta do judaísmo contra a Igreja. Além disso, a tríade judaísmo-maçonaria-comunismo era novamente explorada. Segundo a obra, os padres conciliares deveriam reagir frente ao assalto contra a Igreja que se planejava e já se desenrolava no interior da assembleia.

Outro texto que circulou também entre os padres conciliares, possivelmente pelas mãos do *Coetus*, foi o intitulado *L'azione giudaico-massonica nel Concilio*, texto reservado exclusivamente aos padres conciliares, como consta na sua capa. Seguia-se a perspectiva do *Complô contra a Igreja*, mas de maneira mais condensada. Ponto interessante desse texto é aquele que afirma que o Cardeal Agostino Bea, secretário para a união dos cristãos, teria visitado Label A. Katz, presidente mundial da *B'nai B'rith*, de acordo com o documento, uma ordem maçônica exclusiva para judeus.

Outras obras chamam atenção. O texto de Plínio Corrêa de Oliveira, o chefe do movimento conservador católico brasileiro Tradição, Família e Propriedade, intitulado *A liberdade da Igreja no Estado comunista*, publicado no número 152 do jornal *O Catolicismo*, foi amplamente divulgado entre os padres conciliares por Antonio de Castro Mayer no ano de 1963³⁴. Traduzido em oito línguas, o texto teve trinta e três edições, num total de 160 mil exemplares. Além disso, o texto foi publicado na íntegra em mais de trinta jornais e revistas de onze países, entre os quais o jornal italiano *Il Tempo*³⁵.

Livros que faziam referência à situação da Igreja nos países comunistas eram vários. Sobre a Polônia encontra-se o intitulado *Intensification*

³⁴ G. Turbanti, "Il problema del comunismo al Concilio Vaticano II", em: Melloni, Alberto (dir.), *Vatican II in Moscow (1959-1965)*. Leuven Bibliotheek van de Faculteit Godgeleerdheid, Leuven 1997.

³⁵ P.C. Oliveira, op. cit.

*de la lutte contre l'Église en Pologne*³⁶. Outro panfleto fala sobre *I cattolici della Polonia e la III Sessione del Concilio*³⁷. Curiosamente, ao contrário do primeiro, não se refere nem uma vez ao comunismo, mas diz das “pragas” que assolam o país, como o alcoolismo, a permissividade e o aborto. Em relação à Romênia há um pequeno panfleto, escrito por P. Danielle em 1963, intitulado *Per i cristiani perseguitati in Romani*³⁸. Um livreto curioso, pela sua capa, é o intitulado *Lotta antireligiosa in Russia oggi*³⁹. Na parte inferior está desenhado um foguete com pequenas asas e em cima de cada uma delas escrito “US Army”. Logo abaixo dele, mas em um mesmo ângulo, e em tamanho menor, vem desenhado um crucifixo. O desenho coloca assim, foguete norte-americano e cruz no mesmo lado contra a ameaça comunista. Sobre o comunismo na Itália, um livreto de 1962, *La religione e il comunismo italiano*, visava aqueles que ainda pensavam que o comunismo e a religião podiam dialogar. Como afirma no prefácio, do monsenhor Macario Tinti, bispo de Fabriano, “este livreto é escrito para quanto acreditam que o comunismo não sai contra a religião, que se possa ser bons cristãos e comunistas ao mesmo tempo”⁴⁰.

Livreto interessante é o *Anti-communisme «négatif»*, de Jean Madiran (1960). Publicado em 1960 no número 43 da revista *Itinéraires*, o texto trata do progressismo na Igreja. Muito próximo ao que Plínio Corrêa de Oliveira escreverá em 1963 com o seu *A liberdade da Igreja no Estado comunista*, Madiran trata da possível infiltração comunista na Igreja, tema bastante presente nos meios católicos conservadores. A questão para ele são as estratégias da propaganda comunista no Ocidente. Segundo Madiran, estava em curso, “uma empresa de diversão e de fraude, poderosamente organizada, se aplica constantemente em desacreditar, desqualificar, desonrar qualquer forma de resistência do comunismo”⁴¹. O autor entra em choque com aqueles que defendem um “anticomunismo positivo”, caracterizando-o como uma tentação:

³⁶ *Intensification de la lutte contre l'Église en Pologne*, Montalza (SigauDiamantina)

³⁷ O texto não traz referências, além do título (SigauDiamantina)

³⁸ P. Daniele, *Per I cristiani perseguitati in Romania*. (SigauDiamantina)

³⁹ Sem autor, *Lotta antireligiosa in Russia oggi*, Edizioni R. C. (SigauDiamantina).

⁴⁰ FSIGAUDiamantina, op. cit.

⁴¹ J. Madiran, “Anti-communisme «négatif»”. *Itinéraires*, mai, no. 43, 1960, p. 14.

É, ao contrário a tentação de um anti-comunismo fluido, pálido, indireto, inclinado à complacência e ao compromisso. É a tentação dos espírito que, a seu próprio alvitre, foram influenciados e marcados por diversas formas de progressismo (...) pelo próprio comunismo⁴².

Outro texto que circulou entre os padres no mesmo período em que Sigaud e o *Coetus* organizavam a petição sobre o comunismo foi um estudo datado de 14 de setembro de 1965, intitulado *Declaration du Concile sur le communisme mondial*. O documento faz uma defesa veemente de uma condenação do comunismo pelo concílio. Contudo, a questão da infiltração é tema recorrente: “o comunismo mundial deplora mais do que nunca todos os meios de infiltração, a compra de pessoas e consciências; ele subverte os meios de comunicação em massa: imprensa, rádio, televisão, no mundo inteiro”⁴³.

Um documento bastante revelador é uma crônica escrita por Sigaud, intitulado “Chantagem comunista”. O bispo escreveu alguns textos sobre a questão, que eram encaminhados para os sacerdotes e fiéis de sua arquidiocese, e também entre aqueles que militavam no *Coetus*, entre eles os integrantes da TFP. Esta, escrita no final de 1964, traz os elementos importantes para se entender a situação a partir da perspectiva do atores anticomunistas. Sigaud discute as possibilidades do texto sobre a liberdade religiosa, que teve sua votação final em 1964, pudesse ter alguma intervenção do papa, já que ele e os integrantes do *Coetus* não concordavam com a última versão do texto, contudo, aceito pela maioria da assembleia. O outro ponto que o bispo traz – o que se relaciona com a questão comunista – é o que discute o “esquema XIII”, aquela que trata do texto que comporia a “Constituição pastoral sobre a Igreja e o mundo deste tempo”. Segundo Sigaud, “o assunto que é mais agitado é a inclusão de um parágrafo sobre o comunismo”. O texto tratava do ateísmo, um problema do mundo moderno para a Igreja, contudo, “não falava do ateísmo marxista, que é a alma e a meta do materialismo dialético que o comunismo propaga a ferro e fogo”⁴⁴.

⁴² Ibidem, p. 16.

⁴³ FSIGAUDiamantina, op. cit.

⁴⁴ Ibidem.

Em suas palavras, seria “difícil prever a vantagem propagandística que os comunistas tirarão deste fato”, caso o concílio não condenasse explicitamente o comunismo. Para Sigaud, a grande questão eram os motivos que levavam o concílio a não se expressar de maneira clara. Para ele,

a razão que dá origem a dúvida em certos ambientes é o medo das represálias. Os comunistas ameaçam perseguir os católicos nos países aonde eles exercem a ditadura, caso o concílio fale contra as doutrinas marxistas-leninistas (...) os padres conciliares que vivem atrás da cortina-de-ferro receiam tais perseguições. Sabem eles muito bem que para os comunistas não existem direitos sagrados, a não ser os do partido⁴⁵.

Sigaud não aceita a desculpa, e acha que se deve ponderar frente à situação. Para ele, o primeiro ponto que deveria ser considerado pelos padres conciliares era que desde a convocação do concílio as perseguições religiosas teriam se acalmado, mas, ao mesmo momento, o partido comunista continuava inerte na sua luta antirreligiosa, o que levaria ao temor de um pronunciamento do concílio. Um segundo ponto, de acordo com Sigaud, era que os comunistas não perseguiriam os cristãos mais do que já faziam se o concílio os condenasse.

Ao pesquisar o arquivo pessoal do prelado de Diamantina, nota-se claramente as relações estreitas entre Sigaud e os norte-americanos, unidos pelo anticomunismo. Em 1962, o bispo escrevia para o Sr. J. P. Grace a fim de agradecer-lhe seu novo livro “Aún no es tarde”. Na cópia da carta enviada, Sigaud dizia:

Aflige-me há muito tempo a vista da eficiência da propaganda russa em minha pátria, e a insuficiência da propaganda norte-americana (...) A propaganda contra o comunismo, na América Latina, deve ser feita de maneira profunda: mostrando que o comunismo é incompatível com a religião e os direitos de Deus e dos homens⁴⁶.

As relações entre Sigaud e os departamentos norte-americanos de propaganda são bastante cordiais. Em janeiro de 1962, por exemplo, Elinor Halle, diretora do *Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos EUA* em Belo Horizonte, envia vários livros com matéria anticomunista ao arcebispo. O papel timbrado da carta mostra claramente a qual departamento tal Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos EUA em Belo Horizonte fazia parte:

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ Ibidem.

The Foreign Service of the United States of America, que por sua vez estava ligado à *Information Service*. Entre as obras estavam: *Child of the Revolution* (Wolfgang Leonhard), *Lost Illusion* (Freda Utley), *No More Comrades* (Andor Heller), *The Chains of Fear* (N. Narokov), *This is Soviet Hungary* (Robert Delaney), *11 Years in Soviet Prison Camps* (Elinor Lipper).

É interessante citar que *Catholic Freedom Foundation* de Nova York recolhia assinaturas em outubro de 1965 entre vários bispos e senadores norte-americanos, contra o perigo de uma “América soviética”. O texto afirmava: “Nós, os signatários, estamos firmemente convencidos de que a estratégia do Kremlin (agora em estágio de desenvolvimento avançado) para a defesa de nossa nação é: Cerceamento + Infiltração + Subversão + Desmoralização = Captura”. O panfleto fazia referência a dois encontros realizados em 30 de setembro e 14 de outubro daquele ano nominados de *Catholic Conservative Weekly*.

CONCLUSÃO

A questão comunista foi uma das mais preocupantes para a Igreja Católica latina no século XX. Buscando referências no magistério ordinário eclesiástico, pode-se encontrá-las na encíclica *Quanta cura* (n. 5) de Pio IX, nos documentos emanados do pontificado de Leão XIII, como *Quod apostolici muneris* (no. 14, 28/29, no. 34), *Diuturnum* (no. 25), *Graves de communi re* (no. 4), em *Notre charge apostolique* (no. 38), de Pio X e na encíclica *Divini redemptoris*, que trata inteiramente do comunismo e traz sua condenação expressa, *Quadragesimo anno* (no. 117, 119/120).

Ao ler esses documentos, é possível observar a perspectiva magistral que está por trás da compreensão de Sigaud sobre a questão – o comunismo como o maior mal que o cristianismo já se deparou – levando-o a se mover na assembleia conciliar em busca da condenação expressa do comunismo. Um dos pontos que pôde ser destacado foi referente à sua presença no concílio Vaticano II (1962-1965). Observou-se que o arcebispo Geraldo de Proença Sigaud desempenhou um papel central na organização da minoria conciliar e sua maior expressão, o *Coetus Internationalis Patrum*.

A luta por conquistar a mente dos bispos conciliares percorreu todo o tempo em que a assembleia se desenvolveu. A quantidade de material anti-comunista que circulou entre os prelados reunidos no concílio é bastante importante na medida que eles, junto de cartas trocadas entre Sigaud e aqueles que forneciam tal material, fornecem pistas de relações entre os membros da hierarquia eclesiástica e grupos políticos espalhados pelo mundo, particularmente nos Estados Unidos da América. Ponto ainda não aprofundado pelas pesquisas mais recentes sobre o anticomunismo na América Latina. Dessa forma, a partir da apresentação de fontes inéditas, esse artigo poderá ajudar outros pesquisadores a trilhar o caminho em busca de outras fontes similares, colaborando para ampliar a compreensão das relações entre o catolicismo e o comunismo.

FONTES

FSIGAUDiamantina – Fundo Arquivístico Dom Geraldo de Proença Sigaud, Cidade de Diamantina, Minas Gerais.

FSIGAUD/SP – Fundo Arquivístico Dom Geraldo de Proença Sigaud da Biblioteca dos Redentoristas, Cidade de São Paulo, São Paulo.

FVATII/SP – Fundo Arquivístico Concílio Vaticano II da Biblioteca dos Redentoristas – Cidade de São Paulo, São Paulo.

Intensification de la lutte contre l'Église en Pologne, Montalza.

(SigaudDiamantina) “L’azione giudaico-massonica nel Concilio”

Madiran, Jean (1960), “Anti-communisme «négatif»”. *Itinéraires*, mai, no. 43.

P. Daniele (s/f), *Per I cristiani perseguitati in Romania*.

Pinay, Maurice (1968), *Complô contra a Igreja*, Mimeo.

Sem autor. *Lotta antireligiosa in Russia oggi*, Edizioni R.C.

Sigaud, Geraldo de Proença (1963), *Carta Pastoral sobre a seita comunista*, Vera Cruz, São Paulo.

Sigaud, Geraldo de Proença (1962), *Catecismo anticomunista*, Vera Cruz, São Paulo.

REFERÊNCIAS

- Alberigo, Giuseppe (a cura di) (1998), *Storia del Concilio Vaticano II: il concilio adulto*, vol. III, Il Mulino, Bologna.
- Ashford, Nigel; Davies, Stephen (1991), *A Dictionary of Conservative and Libertarian Thought*, Routledge, New York.
- Azzi, Riolando (1994), *A Neocrisandade: um projeto restaurado*, Paulus, São Paulo.
- Barry, Norman (1991), “Liberalism”, em: N. Ashford, S. Davies, *A Dictionary of Conservative and Libertarian Thought*, Routledge, New York, pp. 159-163.
- Caldeira, R. Coppe (2011), *Os baluartes da tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II*, CRV, Curitiba.
- Foracchi, Marialice M. (1982), *Mannheim*, Ática, São Paulo, pp. 107-136.
- Kloppenborg, Frei Boaventura (1963), *Concílio Vaticano II: terceira sessão (set-dez. 1964)*, vol. IV, Vozes, Petrópolis.
- Mallerais, Bernard Tissier de (2005), *Lefebvre: una vita*, Tabula Fati, Chieti.
- Mainwaring, Scott (1989), *Igreja Católica e política no Brasil*, Brasiliense, São Paulo.
- Mattei, R. (1997), *O cruzado do século XX: Plínio Corrêa de Oliveira*, Civilização, Porto.
- Mettenpenningen, Jürgen (2012), “Nouvelle théologie: four historical stages of theological reformation towards ressourcement (1935-1965)”, em: G. Flynn, P.D. Murray (eds.), *Ressourcement. A Movement for Renewal in Twentieth-Century Catholic Theology*, Oxford University Press, New York, pp. 172-184.
- Motta, Rodrigo Patto Sá (2002), *Em guarda contra o perigo vermelho*, Perspectiva, São Paulo.
- Oliveira, Plínio Corrêa de (1974), *Acordo com o regime comunista: para a Igreja, esperança ou autodemolição*, Vera Cruz, São Paulo.
- Perrin, Luc. (1997), “Il «Coetus Internationalis Patrum» e la minoranza conciliare”, em: M.T. Fattori, A. Melloni (a cura di), *L'evento e le decisioni: studi sulle dinamiche del Concilio Vaticano II*, Il Mulino, Bologna, pp. 173-187.
- Quinton, Anthony (2007), “Conservatism”, em: R.E. Goodin, P. Pettit, T. Pogge, *A companion to contemporary political philosophy*. Vol. II. Blackwell Publishing, Malden, pp. 285-311.
- Roy-Lysencourt, Philippe (2011), *Le Coetus Internationalis Patrum, un groupe d'opposants au sein du concile Vatican II*, thèse de doctorat en cotutelle, Faculté de théologie et

de sciences religieuses de l'Université Laval, Département d'Histoire de la Faculté des Lettres et Civilisations de l'Université Jean Moulin Lyon 3.

Roy-Lysencourt, Philippe (2014), *Les membres du Coetus Internationalis Patrum au Concilium Vatican II. Inventaire des interventions et souscriptions des adhérents et sympathisants. Liste des signataires d'occasion et des théologiens*, Peeters, Leuven.

Tubanti, Giovanni (1997), "Il problema del comunismo al Concilio Vaticano II", em: Melloni, Alberto (dir.), *Vatican II in Moscow (1959-1965)*, Leuven Bibliothek van de Faculteit Godgeleerdheid, Leuven, pp. 147-187.

Turbanti, Giovanni (2000), *Un concilio per il mondo moderno. La redazione della costituzione pastorale "Gaudium et spes" del Vaticano II*, Il Mulino, Bologna.

Zanotto, Gizele (2012), *Tradição. Família e Propriedade (TFP): as idiosincrasias de um movimento católico no Brasil (1960-1995)*, Méritos, Passo Fundo.

Wiltgen, Ralph (2007), *O Reno se lança no Tibre: o concílio desconhecido*, Permanência, Niterói.

